

AMBIENTE E SUBJETIVIDADES EM ESTUDOS SOBRE PAISAGEM CULTURAL NO CONTEXTO DA COVID-19

Mariluci Neis Carelli¹
Fernanda Dalonso²
Roberta Barros Meira³

Resumo: O objetivo do artigo foi discutir pesquisas publicadas sobre as relações ambiente e subjetividades em época de pandemia nos estudos acerca de paisagem cultural e Covid-19. A pandemia de Covid-19 propiciou novas relações entre ambiente e subjetividades, alterando como as pessoas se relacionam com seu território. A pesquisa foi guiada por questões que delimitam a amplitude da temática: a relação entre ambiente e subjetividades é uma discussão presente nos estudos sobre paisagem cultural e Covid-19? Quais são as contribuições desses estudos? Foi realizada uma pesquisa bibliográfica, qualitativa, exploratória e analítica em bases de dados. Nesse estudo, as categorias de análise emergentes foram: as novas relações entre subjetividades e ambiente; o mundo

¹ Universidade da Região de Joinville (Univille), Joinville (SC), Brasil. Doutora em Engenharia de Produção, mestre em Sociologia e bacharel em Serviço Social, todos pela Universidade Federal de Santa Catarina. Professora titular e docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Patrimônio Cultural e Sociedade, na Linha de Pesquisa Patrimônio, Ambiente e Desenvolvimento Sustentável. Atua na graduação como docente de Sociologia e Gestão Ambiental nos cursos de Psicologia e Administração. Foi coordenadora de Extensão e de Pesquisa, pró-reitora de Pesquisa e Pós-Graduação e coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Patrimônio Cultural e Sociedade. Atualmente coordena o Grupo de Pesquisa Cultura e Sustentabilidade. Tem experiência acadêmica em pesquisas sobre o patrimônio ambiental e a paisagem cultural e publicações que abrangem esses temas. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8813616332452541>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0107-383X>. E-mail: mariluci.carelli@gmail.com

² Programa de Pós-Graduação em Patrimônio Cultural e Sociedade da Universidade da Região de Joinville (Univille), Joinville (SC), Brasil. Bacharel e licenciada em Psicologia pela Associação Catarinense de Ensino, mestre e doutoranda em Patrimônio Cultural e Sociedade pela Univille. Professora e psicóloga com especialização em psicodrama. Pesquisadora desde maio de 2014 do Grupo de Pesquisa Cultura e Sustentabilidade, na Linha de Pesquisa Patrimônio, Ambiente e Desenvolvimento Sustentável. Tem experiência acadêmica em vários temas relacionados a patrimônio e sociedade e é autora de publicações que os envolvem, nas áreas socioambiental, gestão compartilhada do patrimônio e paisagem cultural. Atualmente, desenvolve pesquisas nos segmentos de psicologia, psicodrama, cultura e ambiente. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7915654759700524>. ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-4720-0371>. E-mail: fernandadalonso2014@gmail.com

³ Universidade da Região de Joinville (Univille), Joinville (SC), Brasil. Bacharel e licenciada em História pela Universidade Federal Fluminense, mestre e doutora em História Econômica pela Universidade de São Paulo. Docente do curso de História e do Programa de Pós-Graduação em Patrimônio Cultural e Sociedade da Univille. Coordena o Grupo de Pesquisa Estudos sobre Circulação de Saberes, Natureza e Agricultura e o Núcleo de Estudos Afro-brasileiros da Univille. Vice-coordenadora do Grupo de Trabalho Patrimônio Cultural da Associação Nacional de História – Seção Santa Catarina. Integra o Grupo de Pesquisa Dimensões do Regime Vargas e seus Desdobramentos, coordenado pelo professor Orlando de Barros (Universidade do Estado do Rio de Janeiro) e por Thiago Mourelle (Arquivo Nacional). Tem experiência na área de história do Brasil, com estudos no campo do patrimônio ambiental e políticas agrícolas. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5410201062168341>. ORCID: <http://orcid.org/0000-0001-7739-216X>. E-mail: rbmeira@gmail.com

pós-coronial; a percepção da corresponsabilidade com o ambiente; e maneiras de memorar a pandemia de Covid-19 e expressões artísticas cotidianas. Uma possível contribuição ou inovação do estudo está no surgimento de uma abertura/categoria de discussão no campo do patrimônio: as paisagens vividas.

Palavras-chave: Paisagem cultural; Covid-19; Ambiente; Subjetividades; Desastre socioambiental.

ENVIRONMENT AND SUBJECTIVITIES IN STUDIES ON CULTURAL LANDSCAPE IN THE COVID-19 CONTEXT

Abstract: The objective of the article was to discuss published research on the relationships between the environment and subjectivities in times of pandemic in studies about cultural landscape and Covid-19. The Covid-19 pandemic provided new relationships between environment and subjectivities, changing how people relate to their territory. The research was guided by questions that delimit the breadth of the theme: is the relationship between environment and subjectivities a discussion present in studies on cultural landscape and COVID-19? What are the contributions of these studies? A bibliographical, qualitative, exploratory, and analytical research was carried out in databases. In this study, the categories of analysis that emerged were: new relationships between subjectivities and the environment, the post-colonial world, perception of co-responsibility with the environment; and ways of remembering the COVID-19 pandemic and everyday artistic expressions. A possible contribution or innovation of the study is the emergence of an opening/category of discussion in the field of heritage: the lived landscapes.

Keywords: Cultural landscape; Covid-19; Environment; Subjectivities; Socio-environmental disaster.

MEDIO AMBIENTE Y SUBJETIVIDADES EN LOS ESTUDIOS SOBRE EL PAISAJE CULTURAL EN EL CONTEXTO DEL COVID-19

Resumen: El objetivo del artículo fue discutir las investigaciones publicadas sobre las relaciones entre el medio ambiente y las subjetividades en tiempos de pandemia en estudios sobre el paisaje cultural y Covid-19. La pandemia del Covid-19 brindó nuevas relaciones entre medio ambiente y subjetividades, cambiando la forma como las personas se relacionan con su territorio. La investigación fue guiada por preguntas que delimitan la amplitud del tema: ¿la relación entre ambiente y subjetividades es una discusión presente en los estudios sobre paisaje cultural y Covid-19? ¿Cuáles son los aportes de esos estudios? Se realizó una investigación bibliográfica, cualitativa, exploratoria y analítica en bases de datos. En ese estudio surgieron las categorías de análisis: nuevas relaciones entre las subjetividades y el entorno, el mundo poscoronial, percepción de corresponsabilidad con el entorno y formas de recordar la pandemia del Covid-19 y expresiones artísticas cotidianas. Una posible contribución o innovación del estudio es el surgimiento de una apertura/categoría de discusión en el campo del patrimonio: los paisajes vividos.

Palabras clave: Paisaje cultural; Covid-19; Ambiente; Subjetividades; Desastre socioambiental.

INTRODUÇÃO

A pandemia decorrente da Covid-19 propiciou novas relações entre ambiente e subjetividades, alterando como as pessoas se relacionam com seu território. É uma das consequências da crise global vivida pela humanidade, com significativos e diversos impactos para todos. Para se ter uma visão mais efetiva sobre a pandemia de Covid-19 como um desastre socioambiental⁴, é preciso entendê-la como um sintoma de algo muito mais substancial, a crise da civilização (MORIN, 1995).

Esta pesquisa tem caráter qualitativo, bibliográfico, exploratório e analítico. Está guiada por questões que delimitam a amplitude das possíveis percepções da revisão realizada: a relação ambiente e subjetividades é uma discussão presente nos estudos sobre paisagem cultural e Covid-19? Quais são as contribuições desses estudos?

Com os objetivos de levantar e discutir as pesquisas já existentes a respeito das relações ambiente e subjetividades em época de pandemia nos estudos sobre paisagem cultural e Covid-19, fez-se um mapeamento do estado de conhecimento acadêmico ligado à temática, para identificar como tais pesquisas e discussões vêm sendo abordadas.

Para o entendimento da relação intersubjetiva, as ideias são discutidas com base no livro *Eu e tu*, de 1974, do filósofo Martin Buber. Para ampliar a compreensão acerca da relação dialógica ambiente e subjetividades, o aporte segue com o pensamento do líder indígena, ambientalista e escritor brasileiro Ailton Krenak (2020). Correlacionar esses autores no contexto de uma crise socioambiental ajuda a compreender a crise que a crise trouxe, o que se pensa (e que está em crise) em relação à conquista da natureza (objeto – isso) pelo homem (sujeito – tu).

A análise dos dados averiguou como os estudos das relações entre ambiente e subjetividades aparecem no contexto da paisagem cultural num recorte temporal, o período pandêmico. Tais percepções foram abordadas sobre e durante a pandemia de Covid-19, já que as publicações datam de 2020 e 2021. Como consequência, emergiram neste estudo quatro categorias de análise, que também especifica as partes do artigo aqui apresentado: as novas relações entre subjetividades e ambiente; o mundo pós-coronial (ERINGFELD, 2021); a percepção da corresponsabilidade com o ambiente; e maneiras de memorar a pandemia de Covid-19 e expressões artísticas cotidianas.

A concepção de paisagem cultural emerge de diferentes vertentes no campo científico, e é recorrente sua apresentação como um conceito polissêmico. O entendimento de paisagem nesta pesquisa sintetiza um percurso que tem como ponto de partida a geografia moderna de Otto Schlüter, Siegfried Passarge e Carl Sauer, a geografia humanista de David Lowenthal e a nova geografia cultural de Denis Cosgrove (apud DALONSO; CARELLI, 2021). Tal compreensão integra o que é material e os aspectos subjetivos da paisagem. A análise desses conceitos permite entender que, para a existência da paisagem, um elemento fundamental é a relação, ou seja, o contato entre pessoas e natureza, de maneira que a paisagem é sempre cultural.

Pesquisar paisagem cultural no contexto de Covid-19 é uma tentativa de encontrar táticas de resistência cotidianas das pessoas em época de pandemia e como elas se relacionam com o patrimônio cultural ambiental.

⁴ Preferimos utilizar o termo *desastres socioambientais* e não desastres naturais, pois, como pontuam Nodari, Espíndola e Lopes (2015), estamos falando de processos de transformação e destruição ambiental causados de forma intencional ou involuntária pelos seres humanos. Nesse sentido, como destaca Eduardo Galeano (2012), termos como catástrofes ou desastres naturais imputam a culpa à natureza, e os espaços naturais e as populações tradicionais são geralmente vítimas de processos de desenvolvimento econômicos irracionais – que causam graves danos ao patrimônio ambiental.

AMBIENTE E SUBJETIVIDADES: UMA RELAÇÃO

A existência humana está condicionada ao encontro. A relação intersubjetiva, para Buber (1974), é tida como origem e fundamento da existência humana. O existir é dialógico e não se limita à perspectiva sobre o existir como exclusiva dos seres humanos. A alteridade é plural, ou seja, o Eu existe em um Tu ou em um Isso, que por sua vez está nesse Eu. Não há dúvidas sobre a experiência da humanidade com o que é material nem o quanto essa relação implica a existência subjetiva.

Buber (1974) discute as atitudes que o homem pode ter diante do mundo e considera duas palavras, que são formadas em pares: palavras-princípio. Uma palavra-princípio é o par Eu-Tu, e a outra, o par Eu-Isso. Na combinação Eu-Isso, o Ele, ou Ela, pode substituir o Isso. A experiência acontece no experimentador, e não entre ele e o mundo.

A palavra-princípio Eu-Isso fundamenta o mundo como experiência e/ou utilização. Já a palavra-princípio Eu-Tu fundamenta o mundo da relação. O mundo é duplo para o homem, e o Eu do homem também é duplo: a relação é reciprocidade. Há reciprocidade, é dialógico e é duplo.

A compreensão das palavras-princípio Eu-Isso e Eu-Tu está acompanhada de um ponto importante para a conexão com as ideias de Krenak (2020), pois, sendo o mundo duplo e havendo reciprocidade, então o mundo como experiência da palavra princípio Eu-Isso também existe como um ser vivo personalizável. A Terra não é um sítio, mas um lugar sagrado que compartilhamos. O rio é sagrado, a montanha fala quando vai chover, e isso não é folclore indígena.

A cosmovisão dos povos indígenas não separa natureza, terra, humanidade. A Terra é mãe, e o ser humano, integrante dela. Para Krenak (2020), há o mito da sustentabilidade inventado pelas corporações para lidar com o entendimento dicotômico entre humanidade e Terra. Para ele, não há separação; tudo – o cosmos – é natureza.

Essa discussão converge com a de Buber (1974). Para o autor, não existe o Eu em si mesmo, mas o Eu da palavra-princípio Eu-Tu e Eu-Isso. Também não existe o Tu em si mesmo; o Tu está presente quando diz Eu. Assim como quando se diz Tu ou Isso, está presente o Eu. Quando se diz Eu, refere-se ao Outro. A vida é encontro. O Eu realiza-se na relação e é tornando-se Eu que se diz Tu.

Há um ponto importante a ser destacado em Buber (1974) no contexto desta proposta de pesquisa. O autor coloca o Eu-Tu não somente entre pessoas, assim como Eu-Isso não acontece somente entre pessoas e coisas – nesse caso, também entre pessoa-pessoa. Uma árvore pode ser apreendida como uma imagem, classificada como uma espécie, tornar-se um número ou apenas um objeto de observação, mas, se por vontade própria de quem a observa este seja levado a entrar em relação com ela, a árvore já não é mais um Isso.

Se no Eu-Tu o homem entra em relação com o seu semelhante, e no Eu-Isso experimenta o outro ou o mundo (BUBER, 1974), uma aproximação dessa ideia com o pensamento de Krenak (2020) está na experiência com o mundo, que não é um Isso, mas um Tu. Fala-se aqui da não despersonalização da natureza, como, por exemplo, de um rio ou de uma montanha. O resultado da relação entre ambiente e subjetividades despersonalizados é um mundo coisificado/utilitário convertido em resíduo/mercadoria e subjetividades/consumidores.

Proferir o Tu pode ser Isso. O Isso proferido pode ser Tu. O homem não pode viver sem o Isso, e o homem que vive somente o Isso não é homem. O homem que se conformou em viver apenas o Isso como algo a ser experimentado e/ou utilizado dispensa uma vida de se liberar, de contemplar e de acolher o mundo (BUBER, 1974).

Despersonalizar um rio ou uma montanha é transformá-lo em recurso; liberamos um lugar, por exemplo, para ser resíduo de uma atividade extrativista (KRENAK, 2020). Um rio não é um recurso para ser apropriado. Para o povo Krenak, o Rio Doce é *watu* (seu avô). Nesse rio/avô aconteceu o que foi apontado como um dos maiores desastres socioambientais do mundo (MPF, 2022). Em novembro

de 2015 a barragem de Fundão, em Mariana (MG), se rompeu, e a gestão desse empreendimento de extração de ferro é da Samarco Mineração⁵. Sua localização é a bacia do Rio Gualaxo do Norte, afluente do Rio do Carmo, que é afluente do Rio Doce. Quando a barragem de resíduos tóxicos se rompeu e deixou o rio coberto por esse material, o rio entrou em coma (KRENAK, 2020).

Nesse contexto, sendo a relação condição para a existência, então ambientes e subjetividades vivem uma crise civilizatória juntos, com consequências diferentes e que atingem a existência de todos. Como ciência, tecnologia, racionalidade e humanismo são e continuam a se desenvolver? Nesse caso, Morin (1995) afirma: são precisamente a causa do problema em que são referenciados como solução. A dicotomia ambiente e subjetividades apresenta como consequência um afastamento ilusório, uma não alteridade. Com o afastamento e a despersonalização do que não é humano, todo o resto pode ser dominado. É a ilusão de que o homem domina a natureza, mas esse controle é descontrolado.

Assim, pensar sobre o que pensamos ser é pensar sobre as relações que nos constituem. Para Krenak (2020), esse conjunto de Nós, ou vários Eus–Tus, de Buber (1974), são, entre tantos outros, as montanhas e os rios.

METODOLOGIA E ESTADO DO CONHECIMENTO ACADÊMICO

Esta é uma pesquisa que se caracteriza como qualitativa, bibliográfica, exploratória e analítica. Como estratégia para a busca de dados, optou-se pelo estado do conhecimento seguindo um percurso baseado em etapas apresentadas pelas pesquisadoras Marina Jorge da Silva e Ana Paula Serrata Malfitano (2017), da Universidade Federal de São Carlos.

Primeira etapa: mapeamento das referências

A realização da primeira etapa deu-se pelo levantamento de títulos e resumos de teses, dissertações e periódicos que tivessem como eixo a temática em análise, sem a definição específica de áreas de conhecimento, por compreender-se que percepções sobre a relação subjetividades e ambiente em estudos sobre paisagem cultural e Covid-19 seguem o caminho interdisciplinar ecológico, filosófico, psicológico, sociológico e do patrimônio cultural – como a paisagem precisa ser problematizada em tempos de pandemia.

O processo de construção dos descritores teve o desdobramento de atender à variabilidade de nomenclatura dada aos estudos relacionados com o período pandêmico. Para ampliar o alcance de resultados, o descritor Covid-19 foi subdividido em Covid-19 e Sars-CoV-2. Dessa maneira, o referido descritor foi contemplado por uma variação de palavras que compõem as formas como ele se apresenta nos estudos publicados. Os descritores utilizados na etapa de mapeamento foram “COVID-19 *and* paisagem* cultural” e “COVID-19 *and* cultural lanscape”, para a busca de estudos com proximidade com o objeto de pesquisa e a temática.

O operador booleano “AND” foi escolhido como estratégia de busca para a recuperação da informação. Verificou-se que essa estratégia direcionou a busca, fazendo a ligação dos trabalhos que possuem os termos combinados. Também foi empregada a truncagem de palavras com o uso do caractere curinga⁶ “asterisco *” para encontrar múltiplos caracteres como formas derivadas ou plurais. Por exemplo, a palavra *paisagem* também pode ser encontrada como paisagens.

⁵ Empresa de capital fechado de propriedade da BHP, com sede na Austrália, e da Vale, com sede no Brasil.

⁶ O termo foi mencionado na base de dados Biblioteca Digital de Teses e Dissertações, no campo indicado para ajudar com o uso dos operadores booleanos. Disponível em: <https://bdt.d.ibict.br/vufind/Search/Advanced>. Acesso em: 01 jun. 2021.

Ainda no processo de definição dos descritores, dois idiomas foram escolhidos para guiar as buscas nas bases: português, por ser o idioma falado no Brasil; e inglês, que, por se tratar de uma língua que desempenha a função de ser franca, atuando como o idioma que maximiza a comunicação nas ciências (ORTIZ, 2004), amplia as oportunidades de acesso.

Para o acesso à Biblioteca Digital de Teses e Dissertações, optou-se por não utilizar os filtros na busca avançada; foi mantida a seleção automática de “todos os campos” e de “todos os termos”, de maneira que os descritores puderam ser encontrados em: título, autor, assunto, resumo português, resumo inglês, editor e ano de defesa.

O acesso ao Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) ocorreu remotamente via Comunidade Acadêmica Federada, uma opção que permite o acesso ao conteúdo pela instituição participante. Dos campos de busca disponíveis, optou-se por “buscar assunto”, em que foram mantidos na seleção automática “qualquer” e “contém”. Após o primeiro resultado para as palavras, foi aplicado o refinamento da busca por tópicos, permanecendo os tópicos “COVID-19” e “Coronavírus/Coronavirus”.

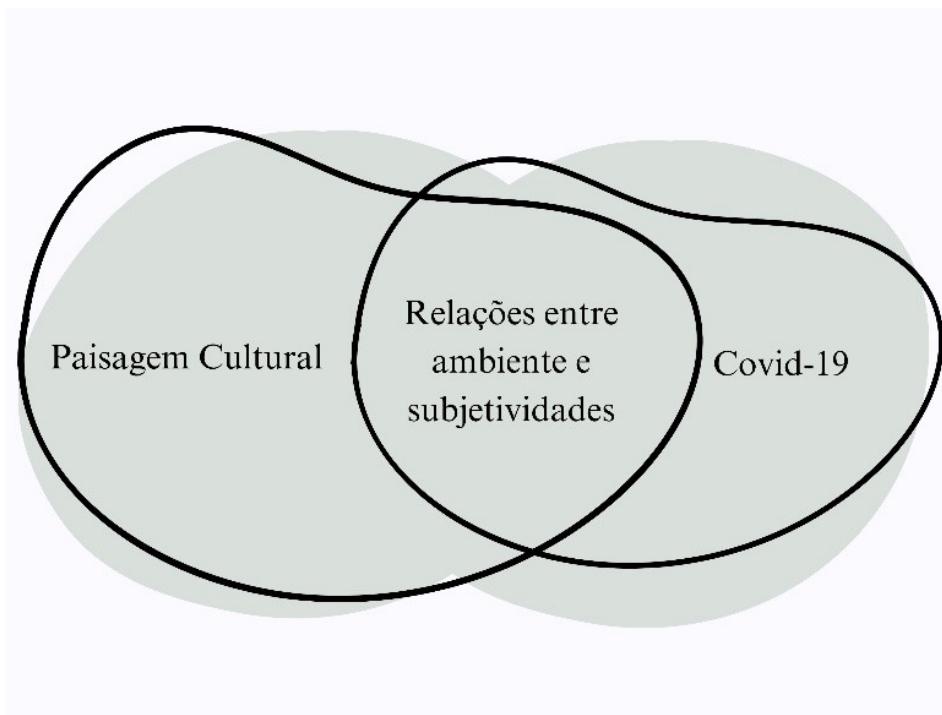
Um recorte temporal foi aplicado, pesquisas publicadas de 2011 até 2021, e todos os acessos ocorreram por meio do sítio eletrônico. Os descritores ligados à temática foram empregados nos campos específicos de busca para cada portal. Essa fase da pesquisa deu-se no período de 18 de junho a 1.º de julho de 2021. Ao fim da etapa, obteve-se o total de 133 trabalhos. Os materiais foram submetidos a um processo de tradução livre.

Segunda etapa: organização e levantamento das categorias de análise

Foram organizadas as pesquisas publicadas com aderência à temática em uma planilha no programa Microsoft Excel, com as descrições: tipo de trabalho científico, ano, título, autor(es), palavras-chave, resumo, periódico/repositório, endereço eletrônico, idioma e classificação grande área. Para o preenchimento da coluna denominada grande área, a tabela de áreas de conhecimento da Capes foi o suporte.

Coletados e organizados os dados, iniciou-se a busca dos trabalhos considerados relevantes à pesquisa, com a leitura dos títulos, palavras-chave e resumos dos 133 trabalhos. Nesse momento uma nova coluna foi inserida na planilha do Microsoft Excel para indicar os trabalhos tidos como relevantes à pesquisa. Aplicaram-se critérios de inclusão e exclusão para refinar a especificidade da temática. Os critérios de inclusão foram: objeto associado à temática; desdobramento ou fenômeno específico atrelado à temática; e análise de políticas, programas ou serviços voltados à temática; e de exclusão foram: estudos que não explicitavam a temática; descritores utilizados com outros significados; e não menção dos descritores no título nem/ou palavras-chave nem/ou resumo.

Dos 133 resultados, após a busca, foram selecionados 37, que passaram por uma segunda leitura. Aplicaram-se novamente os critérios de inclusão e exclusão mencionados. Nessa fase, selecionaram-se trabalhos categorizados como relevantes e que se aproximavam da temática interseccionada “relações entre ambiente e subjetividades” nos estudos de paisagem cultural e Covid-19, conforme a Figura 1.



Fonte: elaborada pelas autoras

Figura 1 – Intersecção da temática relações

Uma busca ativa por meio da leitura na íntegra dos 37 trabalhos foi necessária. Por causa da polissemia do conceito de paisagem e seus possíveis sentidos, vários trabalhos foram excluídos; em geral nesses casos o descritor *paisagem* estava associado a outros significados, como cenário e panorama. O número maior de trabalhos excluídos ocorreu pelo fato de os estudos não explicitarem a temática. Essa etapa resultou em 10 trabalhos.

Terceira etapa: releitura e sistematização analítica

Para o levantamento das categorias de análise, buscaram-se como critério temas dominantes na leitura integral dos 10 trabalhos selecionados. As categorias emergiram durante o processo de leitura, assim como a recorrência dos assuntos identificados.

O critério de seleção para a identificação foi a dominância dos assuntos nos trabalhos. Eles foram identificados com categorias centrais: relação subjetividades e ambiente.

Com a releitura dos trabalhos na íntegra, verificaram-se a abordagem das publicações acerca da temática e, com isso, a identificação e organização dos dados de maior relevância para a presente pesquisa.

Após a análise do *corpus* da pesquisa, foram identificadas categorias específicas acerca das relações entre ambiente e subjetividades nos estudos sobre paisagem cultural e Covid-19.

A PANDEMIA MUDOU O *STATUS QUO* DE NOSSA VIDA COTIDIANA: COMPREENSÕES E CORRELAÇÕES

Um metatexto foi produzido explicitando a compreensão das percepções sobre as relações ambiente e subjetividades nos estudos a respeito de paisagem cultural e Covid-19. Ressalta-se que a organização em categorias teve a finalidade de articular os estudos, de modo a triangular os dados, e não necessariamente seguir uma forma sequencial.

Categoria 1: as novas relações entre ambiente e subjetividades

A crise da pandemia de Covid-19 mudou o *status quo* de nossa vida cotidiana (HALEY; PAUCAR-CACERES; SCHLINDWEIN, 2021), trazendo mudanças permanentes no comportamento social do planeta (PIERANTONI; PIERANTOZZI; SARGOLINI, 2020).

O contexto de um novo normal e da experiência pandêmica apresenta pontos dessa transição sobre o pensar novas relações com o ambiente, como a fragilidade da economia, a dependência de um sistema urbano industrializado, a dependência de um governo, a vulnerabilidade no tocante a desastres climáticos, desigualdades e perda de memória cultural (HALEY; PAUCAR-CACERES; SCHLINDWEIN, 2021).

A pandemia também reconfigurou as relações e práticas humano-microbianas; observou-se a ambivalência sobre o que é higiene e limpeza, germes ruins e bons. Destaca-se a relevância do equilíbrio nas práticas de higiene doméstica em geral e de maneira particular para a Covid-19, para estar seguro ao lado de bactérias e vírus, em vez de se travar uma batalha contra. Nesse âmbito, decorre a remodelagem das relações humano-microbianas (MCLEOD; KERSHAW; NERLICH, 2020).

Vivem-se ondas simultâneas de crises globais, uma maior que a outra e uma dentro da outra. É necessário pensar um sistema que opere além da conservação e restauração/regeneração, um sistema para a recuperação crítica, de resiliência ecológica para uma vida após o colapso. Nesse contexto, serve a este estudo uma abordagem que interconecta natureza e cultura, que promove a comunicação com as pessoas e não para as pessoas, com instruções dialógicas horizontais. Precisamos de um novo pensamento. Com isso, o pensamento sistêmico tem o papel potencial de tentar gerenciar as respostas das sociedades às crises ambientais (HALEY; PAUCAR-CACERES; SCHLINDWEIN, 2021).

O pensamento sistêmico tem a função potencial de proporcionar às pessoas um processo coparticipativo e de coaprendizado. Assim, as comunidades aumentam sua resiliência a ameaças ambientais, econômicas e culturais. Isso pode propiciar às comunidades o aprendizado com relação a autodeterminar-se, adaptar-se e gerenciar seus diversos futuros (HALEY; PAUCAR-CACERES; SCHLINDWEIN, 2021).

Trata-se de um planejamento do cuidado com os (outros) seres vivos, que reconhece a dependência humana de não humanos, esforços para conceber uma relação sustentável e coconstrutiva com a natureza. Por fim, repensar e reconstruir a relação entre subjetividades e ambiente não são uma aplicação para essa relação, mas em processo dessa relação, que é contínua. A objetificação da natureza deve ser repensada (JON, 2020).

A mercantilização do capitalismo vai muito além da fábrica e da fazenda, de maneira que quase todos os lugares estão sujeitos ao mercado. Um dos pontos que se destacam por exemplo é que o agronegócio está em guerra com a saúde pública, e a saúde pública está perdendo (WALLACE et al., 2020). Ideais são colocados como utópicos, na possibilidade de reconectar nossas ecologias e economias, em que se protege o complexo florestal impedindo que patógenos mortais encontrem hospedeiros, resultando em pandemias de rede mundial. Entre os ideais, estão a redução da pecuária

em larga escala e a diversidade na agricultura, quebrando a ideia de que o aumento da produção alimentar somente é possível pela ampliação da extensão geográfica, permitindo a convivência e a evolução imunológica entre seres humanos e não humanos. Ou seja, parar de tratar a biodiversidade como mais uma concorrente que aumenta os custos de um sistema capitalista (WALLACE et al., 2020).

Despersonalizar o ambiente (KRENAK, 2020), tomar o ambiente como recurso, relacionar-se com a natureza como um Isso (Buber, 1974), reduzir custos e concorrer com a natureza como se ela prejudicasse os negócios do sistema capitalista geram a crise, que é civilizatória (MORIN, 1995). Faz-se preciso repensar e reposicionar a intervenção humana na relação dialética contínua das cidades com seu entorno natural, reconhecer a interdependência dos humanos.

Há a necessidade de um planejamento ambiental desvestido de categorizações artificiais, como raça e gênero, por exemplo. Um planejamento do cuidado, que quebre o mito de uma autonomia individual. A pandemia destacou a condição relacional humana, ajudou a perceber nossa vulnerabilidade como corpos humanos mortais. Os impactos reais do vírus têm sido discriminatórios, em razão das condições de saúde preexistentes causadas por desigualdades sociais. Por exemplo, ter asma pode ser correlacionado com a vida em áreas de poluição, a obesidade pode ser resultado da falta de acesso à boa nutrição etc.

A mudança de *status quo* sobre as relações no ambiente geradas no período pandêmico também é um alerta para uma mudança de pensamento sobre a existência humana, sobre a cegueira de uma ciência absoluta, de um conhecimento unitário, sob o véu da visão linear de um modelo econômico que legitima o crescimento em detrimento da natureza e da sociedade.

Categoria 2: o mundo pós-coronial

O termo *pós-coronial* (ERINGFELD, 2021) foi incorporado para atender a recortes de percepções do passado e do presente com ênfase em provisões. Destaca-se a necessidade de implicações políticas para questões como um mundo excessivamente povoado, mudança climática global, perda da diversidade biológica, poluição e degradação, pobreza, desigualdades nos países e, entre estes, ameaças à saúde global e crises humanitárias (ERDELEN; RICHARDSON, 2021).

A pandemia de Covid-19 causou mudanças imediatas nos serviços de cuidados com a saúde de emergência e redes de segurança socioeconômica, pautados em políticas públicas relevantes, pensadas globalmente e com ações locais. Uma oportunidade para a reinicialização de políticas mundiais, que precisam promover a transição da grande aceleração para uma grande desaceleração, uma mudança massiva na dinâmica das cadeias de valor (desacelerar os fluxos de matéria, energia e informação) (ERDELEN; RICHARDSON, 2021).

Calamidades ambientais, terremotos, epidemias do passado desencadearam transformações do ambiente construído, dando origem a outras condições do desenvolvimento econômico, cultural e social. As várias experiências de pandemias ao longo dos séculos mostraram como o momento de propagação de um vírus pode ser uma fonte de inovação, não só para conter a transmissão e infecção, mas para a orientação de novos valores e visões (PINTO et al., 2020).

As fragilidades do sistema trazem a necessidade de um novo olhar sobre as cidades. Na pesquisa realizada em um ambiente do sul da Itália, onde necessidades de segurança e saúde são integradas ao patrimônio cultural, foram identificados requisitos de segurança sanitária na escala da paisagem urbana histórica e a configuração de soluções para reativar sinergias entre pessoas e lugares (PINTO et al., 2020).

A compreensão do que foi realizado no passado com as experiências de outros desastres ambientais é indispensável para a provisão de estratégias e ações, prestando atenção aos possíveis benefícios

colaterais que tais intervenções podem determinar, como o menor consumo de energia e água e o aumento da inclusão social – voltar os holofotes para áreas adequadas a um equilíbrio do ecossistema. A pandemia de Covid-19 coloca a sociedade à frente da necessidade de repensar o ambiente construído e os estilos de vida (PINTO et al., 2020).

Um estudo de revisão qualitativa sobre como o coronavírus se espalhou nos diversos contextos urbanos buscou delinear um caminho de pesquisa a fim de definir novos cenários futuros e gerir contextos urbanos para prevenir riscos, como repensar as relações cidades e território com a reorganização de espaços de convivência dentro e fora das cidades. Salienta-se a necessidade de ações interdisciplinares para pensar como se deu a propagação de vírus em diferentes tipos de ambiente, contexto e uso do solo, para definir estratégias e remodelar as cidades, considerando o potencial das pequenas cidades, na luz da reorganização territorial pós-Covid-19 (PIERANTONI; PIERANTOZZI; SARGOLINI, 2020).

Em grandes centros a propagação do vírus acelerou. Essa é uma herança do mundo pós-colonial para pensarmos novos modelos, uma entrada para a discussão da gestão da paisagem cultural com implicações políticas sustentáveis, ou seja, repensar e remodelar a organização do ambiente de vida nas cidades considerando a não centralização (e o monopólio) dos serviços e produtos, e sim o uso de rede de espaços abertos e verdes, levando-se em conta diversidades e desigualdades. Redes conectam, distribuem renda, não são segregárias e sim diversas, podem ser somadas, diferentemente dos grandes centros.

Um desastre socioambiental revela a crise do desenvolvimento de uma sociedade. Há interdependência e convergência entre as crises. A crise do desenvolvimento, para Morin (1995), mostra que a sociedade industrial apresenta problemas que não consegue resolver e que, enquanto tenta resolver, acaba atenuando outros. Repensa-se então o conceito de desenvolvimento, com a necessidade de ampliar a sua compreensão, para não o reduzir à ideia tecno-economicista. Fala-se de uma crise da ideologia da sociedade de mercado; os conceitos que antes serviam como guia agora nos mostram que eram nossos pontos cegos.

Uma crise como essa tensiona princípios e crenças condutores de nossa sociedade, bem como revela a contradição discutida por Morin (1995) de que a mesma ciência, razão, progresso e desenvolvimento, que contribuem para o bem-estar, também causam a destruição. A orientação de nossos valores e visões sobre a relação ambiente e pessoas é política e dialógica. É como se seguíssemos a lógica: comemos o que somos e respiramos o que somos. Nada está a serviço do outro, mas um está no outro. Só assim existimos.

Categoria 3: a corresponsabilidade com o ambiente

Uma análise existencial, com base na ontologia fenomenológica sartriana, utiliza o conceito de má-fé para discutir respostas subjetivas à pandemia. De maneira muito breve, má-fé pode ser entendida como uma forma de negar a liberdade de escolha com desculpas e pretextos; o indivíduo nega o fato de sua própria responsabilidade e perene escolha diante das ameaças, dando respostas paliativas.

Os indivíduos podem adotar qualquer forma de má-fé contra a ameaça do coronavírus. Tem-se aqueles que fogem da possibilidade de escolher e talvez buscam refúgio em talismãs, rituais ou objetos de fetiche como máscaras, o balé do distanciamento, ações de higiene contínuas e acumulação de produtos e bens domésticos. Outros se envolvem de modo oposto; fogem da realidade da pandemia, dizendo que o mundo está agindo exageradamente. Essas pessoas continuam viajando, indo a restaurantes e bares, uma forma de querer que a ameaça desapareça (PALITSKY et al., 2021).

Apesar de não provocarmos diretamente o surto, nossos pequenos atos ao longo de nossas vidas têm contribuído para um mundo onde os riscos (desigualmente distribuídos) são resultados de nossa responsabilidade (PALITSKY et al., 2021).

O conceito sartriano de má-fé discutido no contexto pandêmico triangula as esferas nas quais o mundo da relação se constrói: vida com a natureza, vida com os homens, vida com os seres espirituais (Buber, 1974). Há um jogo de respostas paliativas sobre o desastre socioambiental, como a estigmatização direcionada a respeito dos hábitos alimentares dos chineses, dos estereótipos em torno do animal morcego, ou das profecias do fim do mundo, enfim, jogos entre “Nós” (vítimas) e “Eles” (os culpados). Uma forma de negar a responsabilidade e atribuí-la ao “Tu” ou “Isso”.

O Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (PNUMA) apresentou em 2020 seis fatos sobre coronavírus e meio ambiente:

- interação entre seres humanos ou rebanhos com animais selvagens: rebanhos podem ser ponte entre a vida selvagem e as doenças humanas;
- transformações do meio ambiente resultantes das atividades humanas são fatores determinantes para o surgimento de zoonoses: sem hospedeiros naturais, patógenos em constante evolução procuram novos hospedeiros;
- morcegos são mamíferos importantes para o ecossistema: o surgimento de doenças nesses animais está associado à perda do hábitat pelo desmatamento e pelo agronegócio;
- redução da biodiversidade ocasionada pelas mudanças ambientais induzidas pela atividade humana: resulta em condições que favorecem determinados hospedeiros, vetores e/ou patógenos;
- integridade do ecossistema e diversidade biológica dificultam a disseminação dos patógenos;
- impossível prever os próximos surtos: a questão é que podem se tornar mais frequentes se as mudanças climáticas continuarem.

O ponto central da discussão está na responsabilidade como um contraponto da má-fé, na percepção da corresponsabilidade no tocante à crise ambiental, percepção de sua experiência com o ambiente.

Destacam-se aqui palavras de Krenak (2020) sobre o cidadão consumidor. O consumidor é adulado, paparicado até ficar imbecil. Ser cidadão nesse caso é questionável, pois não há motivo de estar no mundo de forma crítica, sensível se, para diferentes cosmovisões, pode ser apenas consumidor. Se perde a autocrítica, é difícil identificar que tenha discernimento sobre a corresponsabilidade com o ambiente. Muitas vezes há contradição nas práticas de má-fé.

Categoria 4: maneiras de memorar a pandemia de Covid-19 e expressões artísticas cotidianas

Memórias pontuam a paisagem de diversos lugares do mundo, como o Memorial do 11 de Setembro, nos Estados Unidos, ou como os muitos memoriais do Holocausto. Estudos apontam para outros memoriais mais atuais, como de desastres ambientais, de tiroteios em massa, de violência de gênero, de violência sexual e de vítimas da Aids. Comunidades em todo o mundo criaram narrativas *online* da Covid-19 com esforços de memorar, de produzir um lugar para sofrer e testemunhar a perda dos sobreviventes. É preciso associar esses esforços com os nacionais (FOX, 2020).

Temos o dever enquanto ciência de questionar vários pontos, como por que as vidas perdidas são desproporcionais socialmente e as vulnerabilidades do mundo associadas à nossa economia. Essas memórias que retratam as diferenças devem ser protegidas (FOX, 2020), com atenção honesta e atenciosa, para assim dar vida aos que sempre precisaram dela.

Outro tipo de registro sobre o cotidiano pandêmico foi encontrado em um estudo apresentado no contexto da mídia estatal chinesa, em geral a respeito da “luta contra a pandemia” e das expressões

artísticas cotidianas. Xiaodan Feng (2020) discute em seu estudo a abertura de expressões *online* participativas, sujeitas à vigilância estatal, e a coparticipação da mídia estatal nas publicações em plataformas digitais, especificamente Kuaishou e TikTok e em contas públicas do WeChat.

Enquanto o governo produz um fluxo incessante de mensagens do presidente Xi Jinping a respeito das narrativas contra uma “guerra total”, comprometidas com imagens positivas (cruéis e tóxicas) que apresentam os esforços do governo nessa luta, com o intuito de induzir sentimentos nacionalistas entre o público, houve o que Feng (2020) apresenta como um derramamento de vários tipos de arte virtual participativos sobre a temática “lute contra a pandemia”.

A autora apresenta exemplos de obras que dialogam paradoxalmente com expressões estatais, e foram destacadas duas expressões artísticas cotidianas que serão discutidas a seguir. Antes, é preciso ponderar que a autora comenta sobre um vídeo que foi postado em fevereiro de 2020 pela plataforma de mídia social chinesa Weibo, semelhante ao Twitter, por *Gansu Daily* (jornal diário de Gansu, uma província da República Popular da China). O vídeo mostra momentos em que os cabelos de mulheres médicas são raspados; elas são profissionais que seguem para o trabalho na província de Hubei, cuja capital é Wuhan (epicentro na época da Covid-19). O discurso do vídeo ignora o fato de que algumas dessas mulheres choram, por talvez estarem em sofrimento com a decisão, ou terem sido forçadas à raspagem dos cabelos, para deixar em evidência o heroísmo da propaganda ideológica.

Na sequência, Feng (2020) apresenta obras de expressões *online* participativas como um discurso intermediário. Nestas são retratadas as condições vividas e as expressões genuínas desses artistas sobre o reconhecimento do protagonismo feminino e seus esforços na luta pandêmica, como na Figura 2, em que a artista Dang Xiaoting em “Obrigado por seu trabalho duro” retrata uma médica dormindo sobre os braços, de máscara, com vestimentas de trabalho e uma frase “obrigado por seu trabalho duro” ao lado esquerdo da imagem.

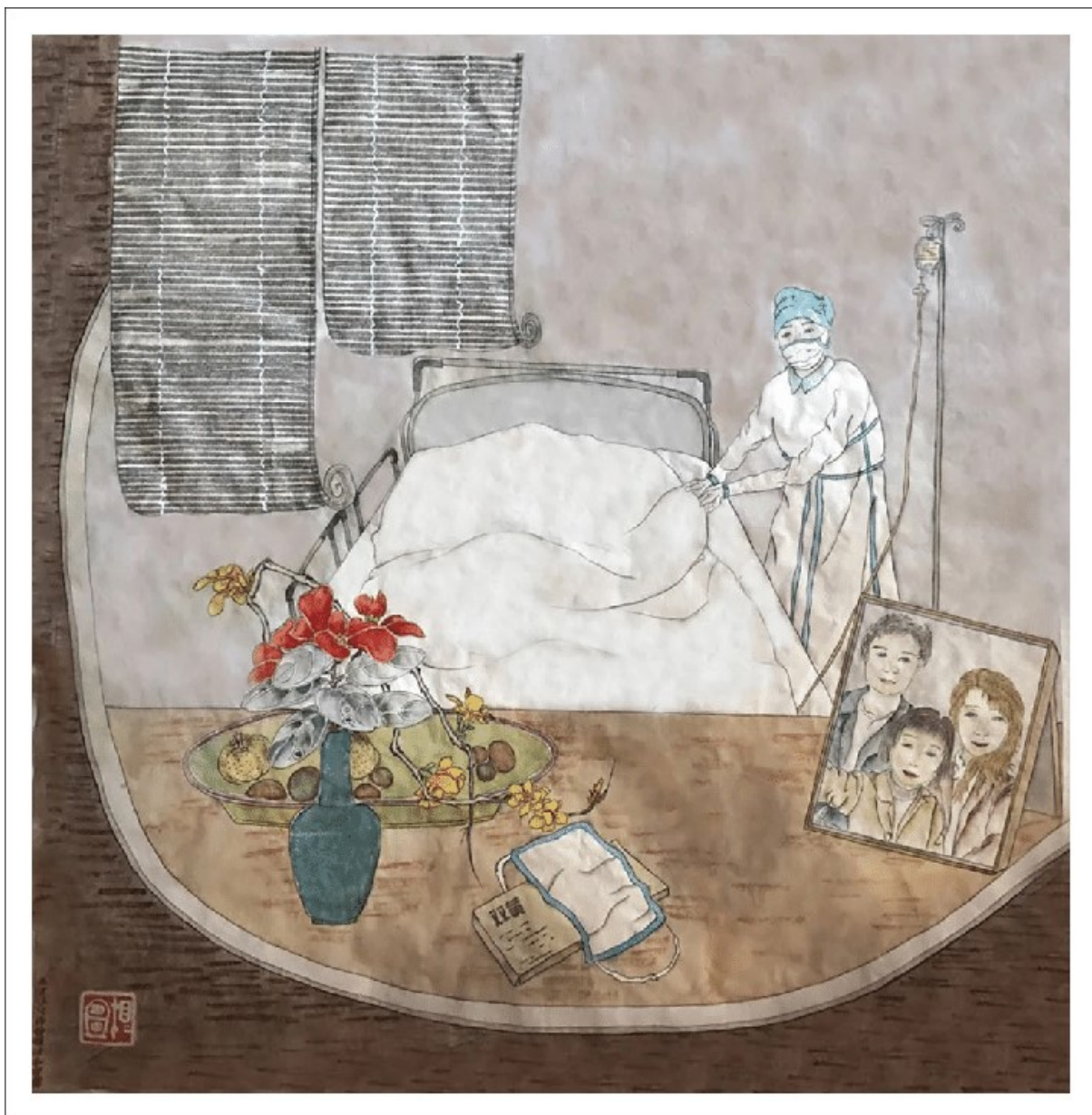


Fonte: Feng (2020).

Figura 2 – Obra “Obrigado por seu trabalho duro”, da artista Dang Xiaoting, 2020

São alternativas às narrativas governamentais apresentadas de cima para baixo, dando acesso e visibilidade ao cotidiano, ao vernacular e às pessoas comuns em torno de suas próprias experiências, uma maneira de expressar a crise pandêmica da mídia estatal, no pano de fundo das mensagens governamentais, compartilhar experiências vividas mais conscientes e informativas, como as obras de exposições *online* que retratam as condições reais de trabalho de uma equipe médica, nesse caso específico sobre o protagonismo feminino.

Outra obra que contrasta com as representações estatais, também da artista Dang Xiaoting, é “Trabalhadora médica”, em que a profissional está ao lado de um leito aparentemente vazio, posicionada em direção a uma mesa com alguns objetos, entre eles um porta-retratos com foto de família. Feng (2020) destaca as expressões de respeito e admiração sinceras da artista.



Fonte: Feng (2020).

Figura 3 – Obra “Trabalhadora médica”, da artista Dang Xiaoting, 2020

Expressões de uma criatividade vernacular que articulam a censura vivida, uma forma de resistir às intervenções do Estado e aos seus discursos.

Cabe destacar um ponto de tensão sobre o objetivo dos estudos sociais, das humanidades, citado por Hall (1992) diante da urgência da epidemia de infecções pelo vírus da imunodeficiência humana (HIV)/Aids:

Contra a urgência de pessoas morrendo nas ruas, qual é o objetivo dos estudos culturais? Qual é o objetivo do estudo das representações, se não há resposta à pergunta sobre o que você diz a alguém que quer saber se deve tomar um medicamento e se isso significa que morrerá dois dias depois ou alguns meses antes? Nesse ponto, acho que qualquer pessoa que está em estudos culturais seriamente como uma prática intelectual, deve sentir, em seu pulso, sua efemeridade, sua insubstancialidade, quão pouco ela registra, quão pouco fomos capazes de mudar

alguma coisa ou fazer com que alguém faça qualquer coisa (HALL, 1992, p.285-286, tradução livre).

O trecho leva à urgência de se refletir sobre a marginalidade dos intelectuais em fazer efeitos reais no mundo⁷. Acrescentam-se aqui as palavras de Krenak (2020) a respeito de sobreviver e resistir diante da máquina estatal que atua para desfazer a organização das populações indígenas. O Estado brasileiro foi constituído, não somos mais colônia, e, na contramão das provisões de que as formas próprias de organização das populações indígenas não sobreviveriam, elas ainda se mantêm (KRENAK, 2020).

Pesquisar paisagem cultural no contexto da pandemia de Covid-19 e dialogar com o campo do patrimônio cultural ambiental são uma experiência de encontrar no campo científico alternativas ou táticas de sobrevivência das populações e dar visibilidade a elas, ou seja, esse viver nas dobras, essa capacidade de metamorfose no trauma, problematizando essa potência. Na tentativa de mudar alguma coisa ou fazer com que alguém faça qualquer coisa, fazer efeitos reais no mundo (HALL, 1992), fazer ciência para fortalecer os esforços da proteção e salvaguarda dos usos do patrimônio cultural ambiental.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Retomando as perguntas centrais da pesquisa – a relação ambiente e subjetividades é uma discussão presente nos estudos sobre paisagem cultural e Covid-19? Quais são as contribuições desses estudos? –, observou-se que, nos estudos sobre paisagem cultural e Covid-19, identificou-se apenas um trabalho especificamente com uma proposta de reutilização adaptativa da paisagem urbana histórica pós-Covid-19 (PINTO et al., 2020). Com ênfase em discussões no campo da arquitetura, foi possível ter percepções sobre subjetividades e ambiente.

Outro estudo que se destaca diante da problemática da pesquisa foi a investigação crítica sobre o valor do pensamento sistêmico em época de crise pandêmica. Os autores salientam que uma das formas de se obter a resiliência ecológica é valorizar as experiências vividas e as percepções das pessoas. Aqui se encontra a intersecção das percepções sobre subjetividades e ambientes. Mesmo que os estudos dessa pesquisa não estivessem direcionados aos estudos de paisagem cultural, impulsionaram as discussões no campo.

Os estudos encontrados em toda a pesquisa contribuíram para a discussão das categorias, e foi possível compreender como as relações ambiente e subjetividades são percebidas no contexto da paisagem em época de pandemia.

Todavia, volta-se ao problema levantado por Hall (1992) a respeito dos estudos culturais e da emergência de se desenvolver discussões que fazem efeitos reais no mundo. Apesar de utilizar na presente pesquisa descritores e filtros com a tendência a apresentar estudos na grande área de conhecimento das ciências humanas e sociais, foram identificadas muitas pesquisas acerca da pandemia nas ciências da saúde. As várias experiências de pandemia ao longo dos séculos mostraram como o momento de propagação de um vírus pode ser uma fonte de inovação, não só para conter a transmissão e infecção, mas para a orientação de novos valores e visões.

Soma-se o alerta deste trabalho ao pensamento sistêmico apresentado pelos autores encontrados na revisão e à cosmovisão de Krenak (2020). Também se atenta para a crise “antropo-social” (MORIN, 1995), que coloca em questão a purificação do paradigma *Homo sapiens/faber* humanista-racional,

⁷ Por estar em um campo interdisciplinar e de modo geral abranger as áreas das humanidades e estudos sociais, esta busca foi restrita ao recorte temático proposto com o uso de descritores. Contudo, ao associar outras palavras, surgem como resultado muitas intervenções e pesquisas que foram desenvolvidas a respeito da pandemia.

que parecia realizar a expansão do gênero humano, diante de uma crise socioambiental em que um vírus (objeto – isso), o Sars-CoV-2 (causador da doença Covid-19), protagonizou uma ação mundial, mudando nossa relação com o ambiente.

Há uma crise a respeito desse paradigma, porém não uma mudança. As discussões apresentadas podem abrir entradas, somar entendimentos e dar continuidade ao que a crise suspirou em nossos ouvidos: que a humanidade racional não é a única responsável pelo gênero humano e que é possível ouvir o que a montanha fala, respeitar o rio, que é sagrado, cuidar da mãe Terra e entender que o ser humano é (apenas) integrante dela. Sem deixar de ser ciência e razão, também ouvir o que um vírus tem para dizer.

Cabe observar que não foram identificados estudos específicos realizados para compreender a paisagem cultural no contexto da pandemia de Covid-19 nem o que ela significa na relação (subjetividades e ambiente) com o patrimônio ambiental, elevando lacunas para novos trabalhos. Uma possível contribuição ou inovação do estudo está no surgimento de uma abertura/categoria de discussão no campo do patrimônio: as paisagens vividas.

Uma pergunta que segue na pesquisa está na intersecção de dois apontamentos. O primeiro é a conclusão de que a pandemia decorrente da Covid-19 propiciou novas relações entre ambiente e subjetividades, e a segunda, a afirmação encontrada nos trabalhos de que a crise da pandemia de Covid-19 alterou o *status quo* de nossa vida cotidiana (HALEY; PAUCAR-CACERES; SCHLINDWEIN, 2021), trazendo mudanças permanentes no comportamento social do planeta (PIERANTONI; PIERANTOZZI; SARGOLINI, 2020). A dúvida que segue é: a pandemia decorrente da Covid-19 propiciou novas relações entre ambiente e subjetividades trazendo mudanças permanentes ou provisórias no comportamento social do planeta?

Desenvolver uma forma de recuperação autocrítica de resiliência ecológica requer valorizar as experiências vividas. Um grande desafio das universidades é o preparo dos pesquisadores cientistas para se ter uma linguagem capaz de capturar a natureza e a dimensão dos sofrimentos vividos no período da pandemia, de sermos capazes de ver a nobreza das estratégias de sobrevivência, de analisar e valorizar as redes de solidariedade ou as exigências éticas que essas questões nos colocam. De fazer ciência de mudanças e efeitos reais no mundo (HALL, 1992). Olhar as resistências de viver, o patrimônio cultural e natural, seus usos e nossa relação com ele, em prol da existência.

REFERÊNCIAS

BUBER, Martin. *Eu e Tu*. 2. ed. São Paulo: Moraes, 1974.

DALONSO, Fernanda; CARELLI, Mariluci Neis. *Gestão da paisagem cultural Serra Dona Francisca: possibilidades e limites*. Joinville: Urbem Pluviam, 2021.

ERDELEN, Walter R.; RICHARDSON, Jacques G. A world after COVID-19: business as usual, or building bolder and better? *Global Policy*, v. 12, n. 1, p. 157-166, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/1758-5899.12904>. Acesso em: 12 jul. 2021.

ERINGFELD, Simone. Higher education and its post-colonial future: utopian hopes and dystopian fears at Cambridge University during Covid-19. *Studies in Higher Education*, v. 46, n. 1, p. 146-157, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/03075079.2020.1859681>. Acesso em: 12 jul. 2021.

FENG, Xiaodan. Curating and exhibiting for the pandemic: participatory virtual art practices during the COVID-19 outbreak in China. *Social Media+Society*, v. 6, n. 3, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/2056305120948232>. Acesso em: 12 jul. 2021.

FOX, Nicole. Memorialization and COVID-19. *Contexts*, v. 19, n. 4, p. 69-71, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/1536504220977941>. Acesso em: 12 jul. 2021.

- GALEANO, Eduardo. *Los hijos de los días*. Buenos Aires: Siglo Veintiuno, 2012.
- HALEY, David; PAUCAR-CACERES, Alberto; SCHLINDWEIN, Sandro. A critical inquiry into the value of systems thinking in the time of COVID-19 crisis. *Systems*, v. 9, n. 1, p. 13, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.3390/systems9010013>. Acesso em: 12 jul. 2021.
- HALL, Stuart. *Cultural Studies*. New York and London: Routledge, 1992.
- JON, Ihnji. A manifesto for planning after the coronavirus: Towards planning of care. *Planning Theory*, v. 19, n. 3, p. 329-345, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/1473095220931272>. Acesso em: 12 jul. 2021.
- KRENAK, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.
- MCLEOD, Carmen; KERSHAW, Eleanor Hadley; NERLICH, Brigitte. Fearful intimacies: COVID-19 and the reshaping of human–microbial relations. *Anthropology in Action*, v. 27, n. 2, p. 33-39, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.3167/aia.2020.270205>. Acesso em: 12 jul. 2021.
- MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL (MPF). *O caso Samarco*. MPF, 2022. Disponível em: <https://www.mpf.mp.br/grandes-casos/caso-samarco>. Acesso em: 01 ago. 2021.
- MORIN, Edgar. *Sociología*. Madri: Tecnos, 1995.
- NODARI, Eunice Sueli; ESPÍNDOLA, Marcos Aurélio; LOPES, Alfredo Ricardo Silva (org.). *Desastres socioambientais em Santa Catarina*. São Leopoldo: Oikos, 2015.
- ORTIZ, Renato. As ciências sociais e o inglês. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 19, p. 5-22, 2004. <https://doi.org/10.1590/S0102-69092004000100001>
- PALITSKY, Roman; SCHMITT, Harrison; SULLIVAN, Daniel; YOUNG, Isaac F. An existential analysis of responses to the 2020 coronavirus outbreak. *Journal of Humanistic Psychology*, v. 61, n. 2, p. 231-243, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/0022167820946900>. Acesso em: 12 jul. 2021.
- PIERANTONI, Ilenia; PIERANTOZZI, Mariano; SARGOLINI, Massimo. COVID-19: a qualitative review for the reorganization of human living environments. *Applied Sciences*, v. 10, n. 16, p. 5576, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.3390/app10165576>. Acesso em: 12 jul. 2021.
- PINTO, Maria Rita; VIOLA, Serena; FABBRICATTI, Katia; PACÍFICO, Maria Giovanna. Adaptive reuse process of the historic urban landscape post-Covid-19. The potential of the inner areas for a “new normal”. *Vitruvio*, v. 5, n. 2, p. 87-105, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.4995/vitruvio-ijats.2020.14521>. Acesso em: 12 jul. 2021.
- PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O MEIO AMBIENTE (PNUMA) (2020). *6 fatos sobre o coronavírus e meio ambiente*. PNUMA. Disponível em: <https://www.unep.org/pt-br/noticias-e-reportagens/reportagem/6-fatos-sobre-coronavirus-e-meio-ambiente>. Acesso em: 05 out. 2022.
- SILVA, Marina Jorge da; MALFITANO, Ana Paula Serrata. Pesquisas bibliográficas nos moldes “estado da arte”: produção de conhecimento científico. *Revista Latinoamericana de Metodología de la Investigación Social*, n. 14, p. 40-50, 2017. Disponível em: <http://www.relmis.com.ar/ojs/index.php/relmis/article/view/50/54>. Acesso em: 05 out. 2022.
- WALLACE, Rob; LIEBMAN, Alex; CHAVES, Luis Fernando; WALLACE, Rodrick. COVID-19 and circuits of capital: New York to China and back. *Monthly Review*, v. 72, n. 1, 2020. Disponível em: <https://monthlyreview.org/2020/05/01/covid-19-and-circuits-of-capital/>. Acesso em: 12 jul. 2021.